

Contra o Tempo: a Memória do Instante e a Dádiva da Eternidade¹

Francisco de Moura PINHEIRO²
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

Resumo

O objetivo deste artigo é tecer considerações sobre o filme *Contra o Tempo*, produção de 2011, dirigido por Duncan Jones e estrelado por Jake Gyllenhaal, Michelle Monaghan, Vera Farmiga e Jeffrey Wright. Levando-se em conta que o protagonista do referido filme empreende deslocamentos temporais, através da transferência de sua consciência para o corpo de outro personagem, com fins de interferir no desfecho de uma determinada situação, a análise usa como parâmetros proposições filosóficas sobre a questão do tempo, desde sempre empreendidas, porém ainda sem o vislumbre de um ponto comum. À guisa de suporte teórico são usados os postulados de autores como, entre outros, Santo Agostinho (2000), Bachelard (2007), Bergson (2010) e Borges (1996).

Palavras-chave: cinema; comunicação; ficção; filosofia; tempo.

1. O tempo como questão crucial da metafísica

A ideia do tempo em oposição à eternidade é uma das proposições de Santo Agostinho expressa no livro XI das Confissões (2000). Ao se debruçar sobre a questão de qual seria a ocupação de Deus antes da criação do mundo, Santo Agostinho supõe que não seria possível estabelecer um momento anterior e outro posterior a partir do ato seminal. O dogma religioso inspirou Santo Agostinho a explicar que a inserção de Deus no tempo seria o mesmo que submetê-lo à ideia da temporalidade. E isso colocaria Deus no mesmo plano da humanidade. Não sendo isso aceitável, do ponto de vista da religião, dada a transcendência de Deus, ficaria reforçado o raciocínio de que o tempo existe essencialmente para estabelecer a passagem do ser humano. “O tempo, então, não passaria: seria um marco para a nossa passagem” (PINHEIRO, 2014, p. 2).

Assim como foi uma das preocupações existenciais de Santo Agostinho, o tempo também foi objeto de reflexões de inúmeros filósofos, místicos e cientistas em toda a história do *homo sapiens*. Muitos se debruçaram sobre a questão em busca de algum indício que pudesse levá-los a perspectivas de compreensão do mecanismo biológico que torna a

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), email: fdandao@gmail.com.

vida dos homens finita e breve. As buscas e tentativas diversas, porém, não parecem ter surtido efeito até o presente momento, apesar de todo o avanço tecnológico e as consequentes mudanças de paradigmas científicos. Os caminhos que tenham sido percorridos até aqui só conduzem ao ponto de partida: o de que antes e depois não são substâncias palpáveis. Apesar de todo o arcabouço teórico proposto por Albert Einstein, o passado já se esvaiu nas brumas da memória e o futuro é somente uma especulação.

Essa inexistência perceptível entre o antes e o depois, memória do que foi e projeção do que poderá vir a ser, levando-se em conta que só o instante é que pode ser vivido, é o fator mais instigante apresentado pelo mistério do tempo. Por ser percebido dessa forma, a partir dos padrões de pensamento e lógica vigentes se configuraria aceitável entender que o tempo só existe na consciência dos homens para determinar a sua finitude? Ou então, dizendo de outra forma, o tempo seria uma figura de retórica, a qual se poderia caracterizar apenas como uma faceta do fator humano para estabelecer uma (in)conveniente distinção entre passado, presente e futuro? No dizer de Teixeira (2010, p. 81), corroborando com esse raciocínio, “o homem é perecível porque vive no tempo. É o tempo simultaneamente sua condição de existência e sua prisão”. Os limites da sua duração é que fazem a vida ser concebida pelo homem. Sem a memória do que foi e a possibilidade do que virá, sob esse prisma, a existência humana não poderia ser suportável.

Para além de Santo Agostinho, no entanto, vale a pena repassar o pensamento de outros autores que conjecturaram sobre o tempo. É o caso do argentino Jorge Luís Borges, para quem essa seria uma das questões essenciais da humanidade. “Nossa consciência está continuamente passando de um estado a outro, e isto é o tempo: uma sucessão. Creio que Henry Bergson disse que o tempo era o problema capital da metafísica” (BORGES, 1996, p. 42). Um problema de tal magnitude que tudo se resolveria caso ele fosse solucionado, explica Borges (1996), acrescentando que não existindo nenhuma chance de resolução, o que vai acontecer é que permaneceremos ansiosos para sempre. O tempo, dessa forma, continuará indefinido, restando como boa perspectiva voltar às palavras de Santo Agostinho, (*apud* Borges 1996, p. 42): “Que é o tempo? Se não me perguntam, eu sei. Se me perguntam, ignoro”.

No que diz respeito a Bergson, citado por Borges (1996), as reflexões desse autor sobre o tempo estabelecem que o passado, o presente e o futuro são momentos que se entrecruzam. De acordo com ele, o tempo não pode ser pensado de uma forma linear. Bergson (2010) trata o passado como um antigo presente, ao mesmo tempo em que o

considera reconstituído por esse presente, com ambos os momentos sendo o mesmo. Na afirmação dele, explica Brígida (2013, p. 152), “passado e futuro estão contidos na ação presente e (...), no momento dessa ação, pode-se ter a percepção desse passado e desse futuro, pois tudo está contido nessa duração englobante”. Seguindo-se esse princípio, então, depreende-se que a memória faz com que um acontecimento permaneça pela organização do antes e do depois. E depreende-se, também, que a ação humana, fator essencial para a composição da identidade dos sujeitos, é movida pela inter-relação dos tempos passados, presente e futuro.

Na contracorrente de Bergson, Gaston Bachelard (2007, p. 29) argumenta que “a duração é apenas uma construção, desprovida de realidade absoluta. (...) Ela é feita pelo exterior, pela memória”. Ou seja: é só no presente, na materialização do ato em si, que existe o tempo real. Não tendo força presente, a duração seria secundária. Assim, diz Brígida (2013, p. 153), “para Bachelard a duração é relativa, pois os fenômenos da duração são construídos por ritmos, que ele os define como sistemas de instantes (...)”. A continuidade seria a superposição de vários tempos independentes, sendo necessária a memória de muitos instantes para estabelecer uma lembrança completa. “Em uma analogia breve, é como se cada instante vivido fosse uma cena, editada pela memória do sujeito, encaixada no plano de duração conforme um *script*” (Brígida, 2013, pp. 153-154). A edição é que faz serem percebidas as relações de causa, efeito e simultaneidade do tempo.

Voltando ao pensamento de Borges, que, como foi dito, não acreditava que o problema do tempo pudesse ser resolvido, configura-se oportuno creditar-lhe a alusão à soluções propostas por dois autores e à angústia de um terceiro, respectivamente Plotino, Platão e Santo Agostinho. Para Plotino, de acordo com Borges (1996), o tempo se dividiria em três partes, mas todos seriam apenas um: o presente. “Plotino disse que há três tempos, e os três são o presente” (BORGES, 1996, p. 46). Para Platão, o tempo nada mais seria do que a própria imagem da eternidade. “(...) o tempo é a dádiva da eternidade. A eternidade nos permite todas essas experiências de um modo sucessivo (...)” (BORGES, 1996, p. 43). E quanto a Santo Agostinho, que afirmava sentir sua alma arder por não conseguir explicar o tempo, Borges (1996, p. 43) diz que “Ele pede a Deus que lhe revele o que é o tempo. Não por vã curiosidade, mas, sim, porque ele não pode viver sem saber isso”.

Por último, à guisa de encerramento deste capítulo, duas metáforas citadas por Borges a respeito do tempo merecem ser mencionadas. Uma delas, que Borges captou na obra do inglês James Bradley, dá conta de que o tempo é um rio, mas corre ao contrário: do

futuro para o presente. No dizer de Bradley, garante Borges (1996, p. 45), “(...) aquele momento no qual o futuro se torna passado é o momento que chamamos de presente”. A outra metáfora, cuja inspiração Borges foi buscar em Heráclito, usa também a figura do rio, para dizer que ele corre desde o princípio até aqui e no qual ninguém se banha duas vezes. “Em primeiro lugar”, diz Borges (1996, p. 42) “porque as águas do rio correm. Em segundo, e isso é algo que já nos toca metafisicamente, que nos causa como que um princípio de horror sagrado – porque nós mesmos somos igualmente um rio, nós também somos flutuantes”. Borges diz que mesmo podendo escolher entre as duas metáforas tudo permanece igual. “Sempre estaremos diante do rio do tempo” (BORGES, 1996, p. 43).

2. Oito minutos para vencer o destino

A busca vã dos estudiosos, na tentativa de decifrar o tempo, porém, não tem se configurado em empecilho para a ficção saída dos estúdios cinematográficos. Em diversos filmes produzidos, cuja concepção de cronologia parece estar mais ligada à ideia de espaço, os personagens se deslocam para frente e para trás no tempo e vivem aventuras, não raras vezes inverossímeis para o padrão de pensamento vigente. Algumas vezes, os viajantes do tempo da ficção cinematográfica são projetados para alterar o passado. Outras vezes, eles atuam somente como observadores. A intervenção em eventos passados têm como justificativa a necessidade de modificar uma suposta linha temporal que determine uma sequência de fatos que se desenrolem no sentido de alterar a realidade de onde partiu o viajante. No segundo caso, o do viajante observador, o que se espera é a absorção de elementos que ajudem a compreender algum tipo de mistério do tempo presente.

Milhões de pessoas ao redor do mundo foram às salas de cinema nos últimos 40 anos para assistir filmes com essa temática. São os casos, entre outros, de Um Século em 43 Minutos (*Time After Time* – 1979), inspirado na obra de Karl Alexander; De Volta para o Futuro (*Back to the Future* – 1985), fruto do trabalho de Steven Spielberg e Robert Zemeckis; Feitiço do Tempo (*Groundhog Day* – 1993), com Bill Murray; 12 Macacos (*Twelve Monkeys* – 1995), com Bruce Willis; Alta frequência (*Frequency* – 2000), com Danis Quaid no papel principal; Efeito Borboleta (*The Butterfly Effect* – 2004), com Ashton Kutcher; A casa do Lago (*The Lake House* – 2006), com Sandra Bullock; Déjà Vu (2006), com Denzel Washington; Labirinto do Tempo (*Repeaters* – 2010), com Alexia Fast; e Contra o Tempo (*Source Code* – 2011), estrelado por Jake Gyllenhaal.

Na impossibilidade de analisar todos os filmes citados no parágrafo anterior, dado à

limitação de espaço deste artigo, serão tecidas maiores considerações apenas sobre *Contra o Tempo*, dirigido por Duncan Jones, e em cujo elenco, além do já citado Gyllenhaal, figuram, entre outros, Vera Farmiga, Michelle Monaghan e Jeffrey Wright. Misturando os gêneros ação, drama, ficção científica e mistério, *Contra o Tempo* conta a história do capitão Colter Stevens, que faz parte de um projeto denominado *Source Code*, desenvolvido pelo Exército dos Estados Unidos. A essência do projeto é o transporte da mente de um homem para o corpo de outro. Na trama, a mente do capitão Stevens é transferida para o corpo do passageiro de um trem que foi atacado por um terrorista. O atentado ao trem já aconteceu. Mas os setores de inteligência do Exército descobriram que foi um atentado menor, apenas de preparação para outro mais devastador.

A mente do capitão Stevens é transferida para o corpo do passageiro oito minutos antes do atentado ao trem. A missão dele é descobrir o terrorista e comunicar aos responsáveis pelo projeto *Source Code*, impedindo o atentado. O atentado ao trem, de acordo com os responsáveis pelo projeto, não pode ser evitado, uma vez que já faz parte do passado. Como o capitão Stevens não descobre o terrorista nos oito minutos que lhe são destinados, ele explode junto a todos os passageiros do trem e volta para o laboratório de testes do projeto *Source Code*. Ele precisa, então, fazer várias “viagens” de ida e volta entre o laboratório e o corpo do passageiro morto. Em cada viagem, o capitão Stevens vai eliminando erros. Várias “viagens” depois, ele descobre o que buscava e comunica aos superiores. A missão estaria cumprida, caso Stevens não tivesse se apaixonado por uma passageira e entendido que o passado poderia ser, sim, modificado.

Paralelamente à trama principal, deve-se ressaltar uma subtrama: Stevens pilotava helicópteros para o Exército americano numa guerra no Afeganistão. Na última missão, o seu helicóptero foi abatido, ele perdeu parte do corpo e foi dado como quase morto. Somente uma parte do seu cérebro é que permaneceu ativa. É essa parte que os mentores do projeto *Source Code* usam para enviar ao corpo do passageiro que explodiu no trem. Mas Stevens não tem consciência da sua condição de “semimorto”. Quando ele volta das “viagens” ao trem, ele tem a ilusão de se ver por inteiro. Mas chega um momento que os seus chefes lhe contam a verdade, o que o faz entender que a sua única chance de viver é mudar o passado e permanecer no corpo do passageiro para onde a sua mente foi mandada. A paixão pela passageira e o apego à própria vida lhe dão forças para tentar modificar o passado e recriar o presente.

A partir desse ponto, se pode enveredar por duas perspectivas de reflexão: a

possibilidade da existência de universos paralelos, levantada pelos físicos da física quântica, na qual duas ou mais realidades podem se desenvolver ao mesmo tempo; e a interação entre personagens que não se encontram jamais na forma física, como se habitassem universos paralelos. Na primeira perspectiva, existem cientistas que acreditam e que dedicam a vida a pesquisar o assunto. Os cientistas que defendem e que negam, o fazem com igual veemência. Einstein, o nome mais conhecido por pesquisas ligadas à questão temporal era um que não acreditava em universos paralelos, costumando dizer, quando questionado a respeito, que Deus não jogava dados. E quanto à segunda perspectiva, Stevens e o pessoal do projeto *Source Code* conversavam através de impulsos mediados por máquinas. Uma possibilidade já bastante plausível.

Outro detalhe interessante estabelecido pela trama, a partir desse viajar no tempo proporcionado pelo cinema, diz respeito a uma realidade cujos significados são maiores do que aqueles captados pelos sentidos humanos. A mulher e os demais passageiros no trem veem na sua frente o mesmo homem que embarcou no início da viagem. Apesar de a aparência ser aquela do homem que embarcou, porém, quem está ali é outro. Esse outro, quando da sua primeira transferência de consciência, também não reconhece aquelas pessoas à sua volta, além de não compreender porque aquela mulher na sua frente lhe chama por um nome que não é o seu. O susto quando Stevens vai ao banheiro e vê um rosto que não o seu refletido no espelho o torna ainda mais confuso. Ele acha que está ficando louco. A memória imediata dele é a de um piloto numa guerra na Ásia. Se alguém não lhe explicasse, ele jamais saberia o que estava acontecendo.

Por outro lado, a necessidade de voltar várias vezes à mesma situação, até que seja resolvido o problema da descoberta do terrorista, possibilita, caso se derive para a questão da experiência humana, o raciocínio de que uma vida apenas não basta para que se possa apreender a totalidade do real. Cada vez que o capitão Stevens volta à mesma cena, ele incorpora saberes. E a cada volta, ao acumular experiências, ao mesmo tempo ele vai ficando mais tolerante com as maneiras de se portar dos outros passageiros. A cada fracasso/erro do capitão Stevens, se abre a perspectiva de não cometê-lo de uma próxima vez. Por tentativa e eliminação dos erros cometidos, ele acaba cumprindo a sua missão. Se fosse um filme dedicado à disseminação de valores religiosos, provavelmente, ao descobrir o terrorista, Stevens estaria preparado para ser alçado ao paraíso. Como não é esse tipo de filme, o seu prêmio é voltar da morte e permanecer entre os vivos.

O fato de a viagem evidenciada na trama ser feita de trem pode funcionar com uma

poderosa metáfora para a questão do tempo, pensado da forma como o propõem Bradley e Heráclito, citados por Borges (1996), na primeira parte deste artigo. A ideia do rio que corre sempre numa direção, tanto faz se da frente para trás, como especula Bradley, ou se de trás para frente, como imagina Heráclito, é a mesma proposta do trem, que também corre sempre na mesma direção. Se o rio está preso à margens, enquanto não houver condições excepcionais que o façam transbordar, o trem está preso a trilhos, enquanto nada o faça descarrilar. As águas do rio correm. Os vagões do trem também correm. Ambos seguem um curso. Igual ao rio ou ao trem, quem vive também é flutuante e se arrasta de encontro ao próprio destino, sem certeza de chegar a algum lugar, ou se vai afogar, ou se vai explodir no percurso. E tudo permanece igual, seja no rio ou seja no trem.

A ideologia do maniqueísmo, recorrente nos filmes saídos de Hollywood, também se apresenta com forte conotação em *Contra o Tempo*. O instituto do bem deve vencer quase sempre, nos filmes norte-americanos. Dificilmente se faria um filme onde o projeto que distorce o tempo seria usado para fazer a ação do “terrorista” ter sucesso. Uma história onde o suposto terrorista pudesse voltar sempre para consertar a própria ação e evitar a interferência da “cavalaria”. A ação “terrorista” incorre numa generalização que a caracteriza como maléfica, independente do que a tenha originado. Em *Contra o Tempo*, mais uma vez, os representantes do “bem” são os militares norte-americanos. O mal é encarnado por um “terrorista” que, a despeito dos cuidados que tenha tido para preparar a sua missão, está fadado à derrota. Um engodo criado pelo sacerdote persa Mani, no século III d.C, e referendado pelo cinema norte-americano, de que o mundo é dividido em “bem” para um lado e “mal” para o outro, e de que o primeiro deve sempre sobrepujar o segundo.

O detalhe mais perturbador, porém, entre as várias possibilidades de análise de *Contra o Tempo*, é o da consciência de uma só pessoa de que a mesma situação já foi vivida. O sujeito que vai e vem no tempo é o único que pode corrigir os seus erros. Os demais são marionetes a mercê de um onipotente. Da ação daquele é que resultará as direções que a vida dos outros tomará. Do jogo de dados dos deuses que controlam a viagem de um “enviado” no tempo vai resultar uma variação que poderá ser indesejável para muitos. A não ser, como propõem os teóricos da física quântica, que a realidade se divida em universos paralelos.

3. O avatar e a máquina: invenções do humano e do pós-humano

A palavra “avatar” vem do sânscrito *Avatāra*, cujo significado é “descida”. Uma

entidade divina que desce para “tomar emprestado” um corpo, usar um invólucro para restabelecer a ação de uma consciência que, de outra forma, não poderia interagir com os seres do mundo físico. Um ser imortal, mas etéreo usaria diversos corpos (um de cada vez), esgotando os respectivos tempos de vida, para permanecer entre os mortais. A transferência de consciências, assim como realidades alternativas criadas pela conexão com máquinas, não é algo do qual se possa chamar de novidade para o cinema. Vários filmes já trataram dessa questão. Dois, a título de exemplo, são emblemáticos, levando em conta o sucesso que fizeram com o público: *Matrix* (1999), dirigido pelos irmãos Wachowski e estrelado por Keanu Reeves; e *Avatar* (2009), dirigido por James Cameron e estrelado por Sam Worthington.

Tal como em *Contra o Tempo*, *Matrix* retrata um universo onde o tempo pode ser manipulado de acordo com as conveniências de determinados controladores, a partir de conexões com máquinas obtidas pelo avanço da ciência que, ressalte-se, era uma das promessas da modernidade para resolver todos os problemas humanos. Vivendo numa “realidade alternativa”, proporcionada por uma máquina (a *Matrix*), o protagonista, Thomas Anderson (Keanu Reeves), ignora que o mundo em volta é diferente do que lhe parece. Nessa simulação de mundo e de vida, Anderson se divide entre funções, que lhe conferem um perfil psicológico de, ao mesmo tempo, cidadão modelo e transgressor. Ele é programador para uma companhia de softwares (a atividade legal) e a de hacker (a atividade ilegal). É nessa atividade ilegal, transgressora, que Anderson, cujo apelido enquanto hacker é “Neo”, descobre que a sua percepção sensorial não é perfeita.

A obsessão de Anderson/Neo é encontrar um terrorista chamado Morpheus (Laurence Fishburne). Coincidentemente, Morpheus já observa Neo há algum tempo. Morpheus entende que Neo é a criatura capaz de acabar com a falsa realidade. Um está a procura do outro. Um, por intuição, e outro, por convicção, precisam unir forças para combater o inimigo comum e, assim, ambos conseguirem se libertar. Note-se que o epíteto de “terrorista” atribuído a Morpheus diz respeito ao desejo deste de subverter o *status quo*. Anderson/Neo é contatado por Morpheus, mas toda a “conspiração” é detectada pelos agentes do poder, que são programas com aparência humanoide de agentes do FBI na realidade simulada. Neo, o “novo”, é despertado para a “realidade” por Morpheus, o “deus do sono”, e a história segue com as idas e vindas de praxe entre bandos discordantes, cada qual em defesa das suas convicções.

Semelhante a *Contra o Tempo*, por sua vez, o filme *Avatar* tem um herói que não

pode se mover pelas próprias pernas, necessitando de outro corpo para locomover-se. Aqui não existem as idas e vindas no tempo. Apenas a transferência de consciência de um corpo avariado para outro sadio. Com um ingrediente a mais: em Avatar, o corpo sadio é projetado em laboratório, de acordo com as características genéticas do portador da consciência que vai ocupá-lo. Jake Sully (Sam Worthington), um ex-fuzileiro que ficou paraplégico em combate, precisa conseguir dinheiro para pagar uma cirurgia que possa devolver-lhe os movimentos das pernas. A oportunidade surge quando morre o seu irmão, que era cientista de um programa de transferência de consciências, em andamento num planeta distante. Acontece que cada corpo artificial é desenvolvido para ser ocupado por um sujeito específico, cujo DNA seja compatível. Sully é o único que pode substituir o irmão.

A história se passa num planeta de nome Pandora, habitado por uma raça de humanoides chamada Na'vi, medindo três metros de altura, de pele azulada, olhos amendoados e faces semelhantes a animais terrestres. Apesar de serem considerados primitivos pelos humanos, os Na'vi vivem em harmonia com a natureza. Esta, por sua vez, é que se constitui no elemento de discórdia entre humanos e humanoides. Os humanos pretendem extrair todo um determinado minério de Pandora, o que, caso aconteça, trará prejuízos irremediáveis ao planeta. Os cientistas enviados a Pandora, chefiados pela Dra. Grace Augustine (Sigourney Weaver), grupo do qual fazia parte o irmão de Jake Sully, são contra a devastação. Os donos da empresa mineradora, porém, só querem saber do lucro. Aí se desencadeia o conflito. Sully, investido no seu avatar, a partir da transferência de consciência processada por uma máquina, passa a lutar contra sua própria gente. Os invasores, por sua vez, entram em robôs gigantes, como se usassem uma armadura, para o efetivo combate.

Configura-se de bom tom ressaltar que, apesar das lacunas que acabam surgindo nas ficções cinematográficas, onde nem sempre os roteiros se configuram minimamente verossímeis, avatares, consciências transferidas e o uso de máquinas para o prolongamento da vida não são algo estranho quando se fala em realizações científicas. Vidas artificiais, uma civilização pós-natural, pós-biológica e pós-humana é uma possibilidade que ronda as ideias dos cientistas desde meados do século XX, a partir da invenção de máquinas capazes de imitar o cérebro humano. Data dessa época a proposição de que o homem biológico, fruto de uma seleção natural e do jeito como nos reconhecemos nele, não terá quase chance de sobreviver por mais alguns milhares de anos sobre a Terra. Do ponto de vista da evolução o homem é um impasse.

Em relação a esse impasse evolutivo do humano, soa como incômoda verdade para os defensores do progresso gradual da espécie humana as palavras do biólogo J. D. Bernal, para quem “(...) o homem mecânico, que na aparência está em ruptura com a revolução orgânica, na realidade se situa melhor na verdadeira tradição de uma sequência da evolução” (*apud* GORZ, 2003, p.89). O pensamento de Bernal é continuado pelo austríaco Hans Moravec, que vai além da interação homem/máquina, ao afirmar que, em algum lugar do futuro “(...) a consciência em si mesma poderá se estender numa humanidade completamente eterizada, perdendo seu organismo consistente, tornando-se massas de átomos que se comunicam no espaço por irradiação e, finalmente, se resolvendo em luz” (*apud* GORZ, 2003, p. 89). As transferências de consciências, os avatares, as interações com as máquinas e as viagens no tempo podem estar a um piscar de olhos provocado por um feixe de luz.

O que mais aproxima *Contra o Tempo*, *Matrix* e *Avatar*, para além das transferências de consciência, dos suportes mecânicos e das múltiplas percepções, parece ser a possibilidade de vencer a passagem do tempo, sem a necessidade da descoberta de alguma fonte da juventude ou de uma fórmula alquímica que retarde o envelhecimento das células. Stevens, o capitão herói de *Contra o Tempo*, ao deixar os despojos do seu corpo mutilado entre as paredes de um laboratório e “encarnar” sua consciência num outro corpo, garante a possibilidade de uma vida normal, enquanto durar a saúde do “hospedeiro”. Depois, em qualquer que seja o tempo, quando o tal “hospedeiro” se desgastar, dominada a técnica da transferência da consciência, basta encontrar outro corpo compatível e efetivar nova troca. Para Sully as possibilidades de vida eterna são ainda maiores, uma vez que ele nem precisa encontrar um corpo compatível, bastando que lhe seja criada outra “carcaça”. E a Anderson/Neo, tudo que lhe é necessário para viver (ou ter a ilusão de) eternamente, neste ou naquele mundo e/ou tempo, é a conexão certa no universo virtual.

4. Considerações finais: a repetição infinita do mesmo tempo

Como num jogo de percurso circular, ou de ida e vinda no tempo, neste epílogo volta-se ao primeiro capítulo deste artigo para um reencontro com alguns dos estudiosos que tentaram decifrar a travessia humana pela vida. Tal como o capitão Stevens, personagem principal do filme *Contra o Tempo*, a ideia aqui, depois da série de pistas recolhidas nos fragmentos de pensamento espalhados ao longo do texto, é juntar pedaços que possam conduzir o raciocínio à descoberta do terrorista e dos caminhos/suportes para a

pretendida viagem no tempo. Como terrorista, para efeito de metáfora, compreenda-se o inexorável destino que conduz todos os seres vivos à morte. A releitura de conceitos que já foram ressaltados, à luz de um novo dia, onde novas experiências, mesmo as de um sono embalado por um Morpheus qualquer, possam ter outro entendimento, é o que se usa para discorrer sobre viagens no tempo. No que diz respeito à transferência de consciência, o que se ambiciona aqui é uma troca entre os diversos suportes teóricos usados durante o percurso do texto.

Assim, ao retornar a Jorge Luís Borges, pode-se igualmente voltar a outros dois pensadores notáveis citados pelo argentino: o grego Heráclito e o inglês Bradley. Em ambos os casos a metáfora usada para a compreensão da passagem do tempo é a do curso de um rio. Mas as diferenças entre um argumento e outro são profundas. O inglês fala de fluidez e percurso; o grego fala de impossibilidades de se permanecer igual. Para Bradley, não existe volta porque há uma única direção. E mesmo que essa direção seja da frente para trás (como na história do filme *O Curioso Caso de Benjamin Button* - 2008), é sempre um curso, fixo e sem chance para intervenções. Para Heráclito, a volta não existe porque muda a constituição do ser. A cada instante tudo é diferente. “Eu diria”, diz Borges (1996, p. 42), em alusão ao filósofo pré-socrático grego, “que sempre sentimos essa antiga perplexidade, aquela perplexidade mortalmente experimentada por Heráclito, naquele exemplo ao qual volto sempre: por que ninguém desce duas vezes o mesmo rio?”

Para o capitão Stevens, em *Contra o Tempo*, porém, a dádiva da eternidade não se configura numa metáfora em que tudo se move deterministicamente em uma só direção. O tempo na história dirigida por Duncan Jones, caso seja como um rio, é cheio de redemoinhos: corre num sentido, mas pode, dependendo do que vai encontrar nesse percurso, dobrar-se sobre si mesmo e arrastar os que estão à sua volta para algum buraco de profundidade não determinada, fazendo com que tudo seja diferente ao emergir. Um redemoinho de tão rápido giro que todos tem as suas memórias apagadas entre um momento e outro, fazendo com que a realidade siga a partir da volta. Apenas ao sujeito que desafia a temporalidade, é que se estende o benefício da lembrança. Para este, o tempo não é condição de existência nem prisão, como teorizou Teixeira (2010, p. 81). A memória do que foi persiste em Stevens e a possibilidade do que virá fica a cargo dele mesmo.

No tocante ao pensamento de Bergson, para quem o tempo era o problema capital da metafísica, e de que tudo seria solucionado, caso esse mistério fosse resolvido, o que, de acordo com Borges (1996), acabaria com a ansiedade dos homens, esse também é um

argumento desprezado no filme *Contra o Tempo*. Acontece que o capitão Stevens, ao dominar a viagem no tempo e ao, simultaneamente, ter consciência disso, acaba criando outros focos de tensão. É que, ao “corrigir” o curso natural do rio, a nova direção fica sujeita a outros incidentes. Como tem consciência da sua ação, o protagonista sempre poderá viver a angústia de comparar os eventos futuros com os “efeitos colaterais” da ação que foi interrompida. Se o curso dos novos fatos não agradarem ao “onipotente” que viaja no tempo e que, à sua conveniência, empreende a modificação, ele sempre pode voltar ao seu “ponto zero” para empreender uma nova mudança.

Ressalte-se que esse procedimento pode prender o protagonista numa teia de idas, vindas e correções sem fim. Uma espécie de Sísifo pós-moderno, levando em conta que o resultado de cada ação jamais poderá ser o desejável (Efeito Borboleta, 2004, explora esse lado das “correções” e das suas “continuações indesejáveis”). No caso de *Contra o Tempo* o que interessa é que exista um *happy end* e, assim, a história se interrompe no momento em que o mocinho, após descobrir o terrorista, faz uma última viagem para resolver o próprio destino. Resolver o próprio destino, para o Stevens, significa permanecer vivo, ainda que no corpo de outrem, e permanecer “para sempre” junto ao seu novo amor. Mas Stevens, em mensagem enviada ao comando do *Source Code*, se diz disponível para outras missões. Então, pode-se especular que a próxima missão, caso seja anterior à da explosão do trem, pode mudar tudo o que levou ao *happy end* anterior. Mais angústia!

Nesse caso, o tempo se aproximaria da definição proposta por Bachelard (2007) da construção deste (tempo) pela duração, sem relação direta com a realidade absoluta e elaborada apenas pela memória. O ato em si é que determina o real, não importando a duração. Não existiria a continuidade física. E o que todos estabelecem como um “rio” que flui de um espaço para o outro nada mais é do que a superposição de momentos. Em se tratando do filme *Contra o Tempo*, essa superposição é alterada nos últimos oito minutos da vida de todos os passageiros do trem. Cada vez que o capitão Stevens altera um fato, a superposição de momentos também é alterada na memória deles (passageiros). De certa forma, isso explicaria o “esquecimento” de todos, à exceção de Stevens, que, ao voltar para o seu ponto de origem (o laboratório do *Source Code*), levaria na sua memória as lembranças de uma superposição única. A duração é o que conta para passageiros e herói. E a lembrança de cada um pode ser modificada pela alteração do(s) instante(s).

Como a alteração do(s) instante(s) proposta em *Contra o Tempo* é iniciada a partir de um projeto desenvolvido em um laboratório, pela ligação de um corpo praticamente sem

vida a uma máquina, antes de escrever o ponto final deste artigo vale a pena uma derradeira consideração sobre a questão do pós-humano, levando em conta o pensamento de Laymert Garcia dos Santos (2005). Segundo este autor, o pós-humano significa uma busca pela superação do humano. Para atingir tal fim, um dos pressupostos é o de que o ser humano se configura em um *hardware* falho e ultrapassado. Assim sendo, o ideal é buscar a possibilidade de ser feito um *download* de uma mente para um corpo melhor do que aquele que originalmente a abriga. “A atualização do corpo dar-se-ia aos poucos, modificando o organismo mediante a incorporação de próteses para lidar com as novas exigências” (DUPAS, 2006, p. 279). Em *Contra o Tempo*, a máquina serve apenas para transferir a consciência de um corpo destruído a outro saudável, que não precisa de atualização, pelo menos não imediata, mas a ideia básica da junção homem/tecnologia é a mesma.

Por último, uma comparação. Na vida real, seja lá o que isso signifique, é falsa a convicção que garante aos humanos o poder de conduzir as suas decisões de maneira racional na direção de metas preestabelecidas. A própria expressão “decisão”, explica Rivera (2013, p. 168), está longe de ser real, no que diz respeito ao que se resolve fazer, do ponto de vista dos conceitos de racionalidade. Nos filmes, levando-se em conta a “subversão” dos conceitos de tempo, memória, eternidade e existência, os personagens sabem o que acontecerá se tomarem uma ou outra das decisões já experimentadas, optando, assim, racionalmente, por uma decisão diferente. O capitão Stevens exercita, em *Contra o Tempo*, à exaustão, o seu racionalismo até chegar ao resultado almejado.

Quanto ao autor deste artigo, nada lhe garante que o texto não seja uma ilusão de autoria produzida por alguma “Matrix” que, eventualmente, o esteja mantendo adormecido. Nada lhe garante, igualmente, que a sucessão de memórias que o conduziram a este desfecho não tenha sido alterada, em algum momento, por alguém que esteve (está) a sua volta. Ontem e amanhã podem ser apenas a repetição do mesmo tempo!

5. Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução J. Oliveira e Ambrósio de Pina. São Paulo : Nova Cultural, 2000.

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. Campinas: Verus, 2007.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória** – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BORGES, Jorge Luís. **Cinco visões pessoais**. Tradução Maria Rosinda Ramos da Silva. Brasília:

Editora Universidade de Brasília, 1996.

BRÍGIDA, Raíssa Vasques de Santa. **O tempo destrói tudo: Irreversível** e Gaston Bachelard. Artigo, in Luz, câmera, filosofia (Org. Marly Bulcão). São Paulo: Ideias e Letras, 2013.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**; ou progresso como ideologia. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

GORZ, André. **O imaterial** – Conhecimento, valor e capital. Tradução Celso Azzan Júnior. São Paulo: Annablume, 2003.

PINHEIRO, Francisco de Moura. **Avatar, Gaia e Florestania: três dimensões**. Artigo. Anais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte. Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação (Intercom). Rio Branco, 2010.

_____ **Um minuto depois da meia-noite: feitiço e labirinto no tempo**. Artigo. Revista Tropos. Volume 1, nº 1. Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, 2014.

RIVERA, Juan Antonio. **O que Sócrates diria a Woody Allen**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Planeta, 2013.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Demasiadamente pós-humano**. Revista Novos Estudos. Nº 72, pp. 61-75. Entrevista. São Paulo: 2005.

TEIXEIRA, Heurisgleides Sousa. **Concepções de tempo e memória em Jorge Luís Borges: uma análise dos contos “Funes, el memorioso” e “La biblioteca de Babel”**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, 2010.

Endereços eletrônicos consultados

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Matrix>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Avatar_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Avatar_(filme))

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Source Code](https://pt.wikipedia.org/wiki/Source_Code)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito Borboleta \(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_Borboleta_(filme))

[https://pt.wikipedia.org/wiki/The Curious Case of Benjamin Button](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Curious_Case_of_Benjamin_Button)